

## Horácio, *Arte poética*, 1-118<sup>1</sup>

Prof. Dr. Adriano Scatolin

### Introdução

#### 1

A tradução dos 118 primeiros versos da *Arte Poética* de Horácio, que ora se apresenta, é fruto de um curso de tradução de língua latina ministrado na Universidade de São Paulo no primeiro semestre de 2015. Apesar de *Rónai* ser uma revista dedicada sobretudo à produção discente, não parece inadequado que o trabalho de um professor aí compareça, já que, confirmando o adágio de que *homines dum docent discunt*, a tradução reflete muitas das discussões que ocorreram ao longo daquele semestre<sup>2</sup>.

Nas aulas, após os debates e os comentários sobre a tradução de cada aluno, passávamos sempre à comparação com as traduções já publicadas, notadamente a de Jaime Bruna, de 1981, e a de Rosado Fernandes, de 1984, dentre as traduções em prosa<sup>3</sup>, e a de Candido Lusitano, de 1778 (segunda edição<sup>4</sup>), dentre as traduções poéticas. Malgrado a qualidade que as três inquestionavelmente apresentam, percebemos que havia a necessidade de uma nova tradução, que atentasse

---

<sup>1</sup> Seguimos, na tradução, o texto estabelecido por Shackleton Bailey para a Coleção Teubner: Q. HORATIVS FLACCVS. *Opera*. Edidit D. R. Shackleton Bailey, Editio stereotypa editionis quartae (MMI). Berolini et Novi Eboraci, Walter de Gruyter, MMVIII. Divergências nas lições adotadas são apontadas em nota, caso a caso, e foram aplicadas ao texto latino apresentado. Nas notas, todas as datas são a.C.

<sup>2</sup> Pelas observações inteligentes e perspicazes durante o curso, faço público meu agradecimento a Marcelo Peres Zanfra, Fernando Gorab Leme, Felipe Augusto Neves Silva, Fábila Alvim Leite, Yuri Brandão Ulbricht e Cecília Ugartemendía.

<sup>3</sup> Desconhecia então a existência da segunda edição da tradução de Rosado Fernandes (2012) e da tradução do grupo Viva Voz (2013), de Belo Horizonte. Infelizmente, não houve tempo hábil para incorporar o estudo de tais traduções ao presente trabalho.

<sup>4</sup> A primeira edição é de 1758.

particularmente ao aspecto conceitual da *Arte Poética*, domínio em que discordávamos, aqui e ali, das traduções em questão<sup>5</sup>. A tradução que segue procura, dessa maneira, responder a essa discordância conceitual, adotando para isso a forma livre da tradução em prosa. Embora não façamos uso do verso, esperamos que também um pouco da verve e do *sal* horacianos tenham sido mantidos na tradução. Nesse sentido, uma nova tradução poética, de algum dos muitos e engenhosos tradutores de poesia grega e latina que têm vingado recentemente no ambiente universitário brasileiro, será muito bem-vinda, e esperamos que o humilde *sermo* em prosa que adotamos contribua de alguma maneira para tal.

## 2

A *Arte Poética* de Horácio, também denominada *Epístola aos Pisões* e publicada provavelmente no final da vida do poeta (10 a.C. ?)<sup>6</sup>, é composta em forma de epístola versificada, em hexâmetros datílicos, 476 no total. Refletindo o primor conceitual e formal atingido pelos poetas augustanos, já em Quintiliano a *Arte Poética* aparece como uma obra paradigmática, referencial<sup>7</sup>, posição que ganharia força e se consolidaria com o passar dos séculos, quando não raro passou a ser utilizada como norma de escrita e como baliza de crítica e leitura de poesia.

Dentro da unidade do tema maior que dá título à obra, a epístola horaciana compreende vasta gama de assuntos interligados: além da poética em si, abordam-se a unidade e a organicidade das obras poéticas; aspectos da invenção, da disposição e da elocução dos poemas; apresentação não exaustiva de diversos gêneros poéticos, com a discussão de seus *πρῶτοι εὐρεταί*, metros e temas; as origens e as características da tragédia, da comédia e do drama satírico; a relação entre engenho e arte; o poeta e sua formação, entre muitos outros. O recorte da tradução apresentada, dos versos 1 a 118, recebe divisão e interpretação diversas de acordo com cada comentador, já que os

---

<sup>5</sup> Os detalhes de tais discordâncias serão apresentados nas notas à tradução.

<sup>6</sup> Sobre a questão da datação da *Arte Poética*, leia-se Rudd (1989) 19-21.

<sup>7</sup> Na epístola de abertura da *Institutio Oratoria* (*Ep. ad Tryph.* 2), Quintiliano afirma ter levado em conta o conselho de Horácio, em *Arte Poética* 388, de reter o texto por nove anos antes de sua publicação, mesmo não o tendo, aparentemente, obedecido à letra.

temas, na epístola, parecem conectar-se uns aos outros de maneira deliberadamente fluida, como convém ao gênero epistolar. De acordo com a leitura de Brink<sup>8</sup>, os versos 1 a 41 tratam da unidade e da arte; os versos 42 a 118, das artes do arranjo (42-44) e da dicção na poesia (46/45-118).

O recorte adotado reflete nossa produção no primeiro semestre de 2015, tornando-se inviável realizar a tradução e o comentário de toda a obra em espaço tão curto. Planeja-se a publicação do restante da tradução da *Arte Poética* em mais duas partes (vv. 119-294 e vv. 295-476).

---

Se a uma cabeça humana um pintor quiser juntar um pescoço de cavalo e aplicar penas de cores variadas aos membros reunidos de todo tipo de animais, de modo que a mulher, bela na parte de cima, termine num horrendo peixe preto, vocês conteriam o riso, meus amigos, caso fossem convidados a contemplá-la?<sup>9</sup> (5)

Creiam-me, Pisões<sup>10</sup>, a uma pintura dessas será bem semelhante um livro em que se forjem, como sonhos de doente, imagens vãs, de modo que nem pé nem cabeça

---

<sup>8</sup> Brink (1971) 468; 472.

<sup>9</sup> A capacidade de Horácio de abordar temas tradicionais das *artes* evitando o jargão técnico e as divisões evidentes pode bem ser observada nas descrições diferentes, embora complementares, dadas por Porfirião e Pseudo-Acrão para a seção inicial do poema. Porfirião, em seu comentário aos versos 1-2, observa: *Primum praeceptum est περί ἀκολουθίας. Nam ut pictor, si humano capiti equi dederit ceruicem eamque uoluerit decorare pinnis et inferiorem partem membrorum exprimere piscis effigie, superiorem uero mulieris exornare specie, ualde ridebitur, quod contra naturam omnia faciat: ita poetice, si ornatus causa plus, quam exigit materia, aliquid institutum ornetur, meretur contempni* [“O primeiro preceito é sobre a coerência. De fato, tal como um pintor, se juntar um pescoço de cavalo a uma cabeça humana e quiser decorá-lo com penas, representando a parte inferior dos membros por uma imagem de peixe, ornando a superior com um aspecto de mulher, será ridicularizado, por fazer tudo contra a natureza; do mesmo modo, a poética, se orna alguma obra empreendida mais do que exige a matéria, pelo mero ornato, merece ser desprezada”]. Já Pseudo-Acrão, em comentário ao verso 1, observa: *de inaequalitate operis loquitur et dat praeceptum scribendi poema; et primum praeceptum est de dispositione et conuenientia carminis* [“ele trata da incoerência da obra e fornece um preceito para a escrita de um poema; e o primeiro preceito é sobre a disposição e a conveniência do poema”]; comentando o verso 3, acrescenta: *praecipit poetam conuenientiam seruare debere* [“preceitua que o poeta deve respeitar a conveniência”].

<sup>10</sup> Os debates sobre a identidade dos Pisões a quem se dedica a *Arte Poética* discutem a validade do testemunho de Porfirião, que observa, comentando este verso: *Hunc librum, qui inscribitur de Arte Poetica ad Lucium Pisonem, qui postea urbis custos fuit eiusque filios misit. Nam et ipse Piso poeta fuit et studiorum liberalium antistes; in quem librum congeffit praecepta Neoptolemi τοῦ Παπιάνοῦ de Arte*

convertam-se numa forma una. “Pintores e poetas sempre tiveram, igualmente, a justa liberdade<sup>11</sup> de ousar o que quisessem”. (10) Sabemos bem, e tal licença pedimos e concedemos uns aos outros<sup>12</sup> — não, porém, a de colocar juntos animais mansos e selvagens<sup>13</sup>, não a de unir serpentes a aves, cordeiros a tigres.

A começos solenes, muitas vezes, e cheios de grandes promessas, costura-se um ou outro (15) retalho cor de púrpura, que brilhe de longe, quando se descrevem o bosque e o altar de Diana, um curso d’água veloz por amenos campos, o rio Reno ou o arco-íris. Mas agora não havia lugar para isso... E talvez você saiba pintar um cipreste: de que adianta, se, depois de pagar pela pintura, o naufrago sem esperanças (20) ali retratado nada em meio aos destroços do navio?<sup>14</sup> Começou-se a modelar uma ânfora: por que, com o girar do torno, sai um jarro? Em suma: que se faça o que quiser, contanto que simples e uno<sup>15</sup>.

A maior parte dos vates, ó pai e filhos dignos de tal pai, enganamo-nos com a aparência do que é certo. Esforço-me por ser breve, torno-me obscuro; (25) a quem busca a leveza faltam forças ou vigor; o que prometeu algo grandioso acaba inchado; rola pelo chão o excessivamente cauteloso e apavorado com a procela. Quem deseja variar prodigiosamente um tema uno, pinta um golfinho na floresta, um javali nas águas. (30)

---

*Poetica, non quidem omnia, sed eminentissima* [“Ele [sc. Horácio] dedicou este livro, intitulado *Arte poética*, a Lúcio Pisão, que depois foi guardião da Cidade, e a seus filhos. Neste livro, reuniu os preceitos de Neoptólemo de Paros — não todos, mas os mais importantes”].

<sup>11</sup> Traduzimos *aequa libertas* por “igualmente, a justa liberdade” para dar conta do dois sentidos do adjetivo *aequus*, “igual” e “justo”, sobre os quais oscilam os comentadores.

<sup>12</sup> Pseudo-Acrão, repetido e endossado pelos comentadores modernos, aponta com sagacidade *‘petimus’ quasi poetae, ‘damus’ quasi critici* [“‘pedimos’ enquanto poetas, ‘concedemos’ enquanto críticos”].

<sup>13</sup> Pseudo-Acrão dá a entender que é a medida na licença tomada o que está aqui em questão: *ita debemus habere licentiam fingendi et sic debent esse artificiosa, ut non mitia iungantur asperis immoderate* [“Devemos ter tal licença ao compor, e [nossos escritos] devem apresentar tamanho artifício, que não reúnam, desmedidamente, animais mansos e selvagens”]. Grifo nosso.

<sup>14</sup> Esse seria um caso de dupla inadequação: primeiro, pela presença da árvore no mar; segundo, pelo fato de o cipreste ser um símbolo fúnebre, enquanto a pintura encomendada seria um ex-voto pela salvação do naufrago retratado.

<sup>15</sup> Esta é a primeira das *sententiae* que pontuam a *Arte Poética*. Muitas vezes, como aqui, elas têm a função de esclarecer e sintetizar de maneira mais abstrata os casos concretos tratados, além de encerrar de maneira gnômica o preceito oferecido. Mais adiante, nos vv. 335-337, Horácio explica por que considera fundamental a concisão do preceito moral: *quidquid praecipies, esto brevis, ut cito dicta/ percipiant animi dociles teneantque fideles./ omne supervacuum pleno de pectore manat* [“o que quer que preceitue, seja breve, para que os ânimos, receptivos e seguros, compreendam rapidamente e retenham o que foi dito. Tudo o que é supérfluo escapa rapidamente de uma memória saturada.”].

A fuga de um defeito leva ao vício, se carece de arte<sup>16</sup>. Perto da escola de Emílio, um artesão singular moldará unhas em bronze e imitará cabelos ondulantes — infeliz na soma da obra, por não saber compor o todo. Se pensasse em compor algum escrito, (35) eu não gostaria de ser essa pessoa, assim como não gostaria de viver com um nariz disforme, ainda que tivesse bela aparência pelos negros olhos e negros cabelos.

Assumam, vocês que escrevem, matéria proporcional às próprias forças, e ponderem longamente o que seus ombros se recusam a carregar, o que suportam. A quem escolher eficazmente<sup>17</sup> o seu tema, (40) não faltará eloquência nem uma ordem cristalina<sup>18</sup>. A força e a graça da ordem estarão, ou me engano, em dizer agora o que se deve dizer agora, adiar muita coisa e omiti-la momentaneamente, prezar isto, desprezar aquilo o autor do poema prometido<sup>19</sup>. (45)

Ademais, você falará de maneira notável se, sutil e cauto no encadear as palavras, renovar uma palavra corrente com uma ligação habilidosa. Se acaso é preciso mostrar conceitos obscuros com novos sinais<sup>20</sup>, você terá a chance de forjar palavras não ouvidas pelos Cetegos de toga cintada<sup>21</sup>, (50) sendo-lhe concedida a licença que tomou com moderação. Além disso, as palavras novas e recém-forjadas terão credibilidade se pingarem de fonte grega, numa derivação parcimoniosa. Ora, por que é que o romano concederá a Cecílio e Plauto o que tirou de Vergílio e Vário?<sup>22</sup> Por que eu, se posso

---

<sup>16</sup> Ver nota anterior.

<sup>17</sup> Adotamos a leitura *potenter*, dos códices, em lugar de *puđenter*, correção de Markland adotada por Shackleton Bailey. Apesar de a leitura dos escoliastas apontar o sentido de *potenter* como “dentro das possibilidades”, preferimos a interpretação de Brink (1971) *ad locum*, “com eficácia”, “eficazmente”, que entende o advérbio como concernente ao efeito da escolha do poeta.

<sup>18</sup> *Res* (“tema”), *facundia* (“eloquência”), *ordo* (“ordem”): sem usar os termos técnicos, e sem se preocupar com a ordem canônica dos manuais e tratados de retórica, Horácio aborda aqui a invenção, a elocução e a disposição, respectivamente.

<sup>19</sup> Discordando da pontuação de Shackleton Bailey, ligamos o verso 45 ao 44 e iniciamos novo assunto em 46, a exemplo de muitos editores.

<sup>20</sup> Trata-se de um sentido filosófico do termo *indicia*, que traduzimos aqui por “sinais”: as palavras seriam sinais ou símbolos das coisas a que se referem. Cf. Aristóteles, *Soph. El.* 1, 165a7 (referência em Brink (1971) *ad locum*).

<sup>21</sup> Ao mencionar os Cetegos, Horácio alude, de maneira vivaz, às priscas eras, já que se trata de uma antiga família patricia de Roma. O *cinctus*, tradicional entre os Cetegos, era uma espécie de cinta ou faixa que cobria o corpo da cintura aos joelhos e que dispensava o uso da túnica normalmente usada sob a toga, deixando os ombros nus.

<sup>22</sup> A tradução busca manter o jogo de tempos do original: o verbo no futuro (*dabit*, “concederá”) refere-se a poetas do passado (Cecílio e Plauto); o particípio perfeito (*ademptum*, “o que tirou”) refere-se a autores

fazer umas poucas aquisições, (55) sou mal visto, quando a língua de Catão e Ênio enriqueceu o idioma pátrio e apresentou novos nomes para as coisas? Foi e sempre será lícito produzir uma palavra cunhada com um selo de hoje em dia. Tal como as florestas, com o declinar<sup>23</sup> dos anos, (60) mudam de folhas, as mais antigas caem \*\*\*<sup>24</sup>; assim a antiga geração das palavras passa e, à maneira dos jovens, florescem e vigoram as recém-nascidas. Somos fadados à morte, nós e o que é nosso; quer Netuno, acolhido em terra, defenda as esquadras dos Aquilões, obra de reis; ou o que era pântano<sup>25</sup> estéril e apto aos remos (65) nutra as cidades vizinhas e sinta o grave peso do arado; quer um rio tenha mudado seu curso infesto às searas, depois de aprender um caminho melhor<sup>26</sup>, as façanhas mortais perecerão — que dizer da permanência do prestígio e da influência vivazes da linguagem? Muitos vocábulos que já caíram renascerão, e cairão (70) os que estão agora em voga, se assim quiser o uso, que detém o arbítrio, a lei e a norma da fala.

Em que verso cabe escrever os feitos de reis, de comandantes, e as tristes guerras, já o demonstrou Homero<sup>27</sup>. Em versos unidos de maneira desigual<sup>28</sup> encerrou-se, num primeiro momento, o queixume, (75) depois, também as manifestações por um voto atendido. Quem foi, porém, o responsável pela escrita dos singelos versos elegíacos, disputam-no os filólogos<sup>29</sup>, e o litígio ainda aguarda veredito. A raiva armou Arquíloco com o iambo que lhe é próprio<sup>30</sup>; os socos e os altos coturnos<sup>31</sup> calçaram tal pé, (80) por

---

contemporâneos (Vergílio e Vário). Cecílio (c. 230/220-168) e Plauto (c. 250-184), comediógrafos da chamada Época Arcaica da literatura latina; Vergílio (70-19), autor das *Bucólicas*, das *Geórgicas* e da *Eneida*, dispensa apresentação; Vário (c. 70-15), poeta didático e trágico, autor de um célebre *Tiestes* que não chegou a nós.

<sup>23</sup> Adotamos a lição *pronos*, em lugar de *privos* de Shackleton Bailey.

<sup>24</sup> Os editores supõem uma lacuna no passo. Os hemistíquios que faltam completariam o primeiro termo da comparação.

<sup>25</sup> Adotamos a correção de Bentley, *palus prius*, em lugar do corrompido †*diu palus*†, mantido por Shackleton Bailey.

<sup>26</sup> As obras humanas em questão são a construção de portos em pontos de aterro, drenagem de pântanos e desvio de cursos de rios.

<sup>27</sup> Referência à épica, ao verso hexâmetro, a seus temas tradicionais e a seu principal cultor, Homero. Com “já o demonstrou Homero”, seguimos a tradução de Rosado Fernandes, pelo acertado do sentido, da ênfase e do ritmo.

<sup>28</sup> O dístico elegíaco, composto de um hexâmetro e de um pentâmetro (ou hexâmetro “de pé quebrado”), donde o *impariter* (“de maneira desigual”) horaciano.

<sup>29</sup> O termo “filólogos” parece o mais adequado para traduzir *grammatici*, já que a referência é à tradição filológica alexandrina.

<sup>30</sup> “Que *lhe* é próprio” busca manter a ambiguidade do original, podendo o adjetivo *proprio*, no texto latino, referir-se tanto a *rabies* como a *Archilochem*.

ser apto à alternância de falas, abafar o estrépito do público e ter nascido para a ação. A Musa concedeu à lira<sup>32</sup> o cantar as divindades e os filhos dos deuses, o pugilista vitorioso e o cavalo vencedor do certame, as coitas d'amor dos jovens e os vinhos licenciosos<sup>33</sup>. **(85)** Se não sei ou desconheço como respeitar as mudanças de gênero e os tons de cada um, por que me saudar como poeta? Por que, por um pudor deturpado, prefiro não saber a aprender? O tema cômico não quer ser exposto em versos trágicos. Da mesma maneira, a ceia de Tiestes indigna-se de ser narrada em poemas comuns<sup>34</sup> e quase dignos dos socos. **(91)** Que cada um ocupe o lugar conveniente que lhe foi designado. Por vezes, contudo, a comédia eleva o tom e um Cremes, irado, enche a boca para discutir, e muitas vezes, na tragédia, Télefo e Peleu gemem em linguagem pedestre, **(95)** quando, pobre este, exilado aquele, renunciam à pompa e às palavras sesquipedais<sup>35</sup>, se querem mesmo tocar o coração do espectador com seu lamento. Não basta que os poemas sejam corretos<sup>36</sup>: deverão ser cativantes<sup>37</sup> e levar a atenção do

---

<sup>31</sup> Metonimicamente, “socos” por “comédia”, “coturnos” por “tragédia”. O poeta brinca com o sentido dos calçados típicos de cada gênero, usados no teatro pelos atores. A brincadeira continua com o duplo sentido de “pé”, logo em seguida: pé métrico (ou seja, o iambo a que se acabou de fazer menção) e pé como parte do corpo, donde nossa tradução de *cepere* por “calçaram”.

<sup>32</sup> Apesar de o dativo, em *dedit fidibus*, ser a interpretação mais natural e quase automática de *fidibus*, pela contiguidade com *dedit*, Pseudo-Acrão, em sua paráfrase, parece tomar o termo como um ablativo: **Musa dedit fidibus, idest Musa dedit lyrico carmine laudari deos et heroas et Olympicos** [“**A Musa concedeu à lira**, ou seja, a Musa concedeu que se celebrassem os deuses, os heróis e os [vencedores] olímpicos em poesia lírica”].

<sup>33</sup> Se a menção à lira indica o gênero poético — lírico ou mélico —, os versos seguintes exemplificam, concretamente, suas espécies: os hinos (“o cantar as divindades”); os encômios (“os filhos dos deuses”); os epínícios (“o pugilista vitorioso e o cavalo vencedor do certame”); a poesia erótica ou amorosa (“as coitas d’amor dos jovens”); e os escólios (“os vinhos licenciosos”). Cf. Brink (1971) *ad locum*.

<sup>34</sup> Embora os dicionários não consignem o sentido de “comum” para *privatus*, concordamos com Brink (1971) *ad locum* em entender o termo latino como equivalente do grego ἰδιωτικός, que pode apresentar tal sentido. Se assim é, seria este mais um caso, na *Arte Poética*, de uma palavra corrente renovada por uma *callida iunctura*?

<sup>35</sup> *Sesquipedalia* são, propriamente, as palavras de um pé e meio. Por extensão de sentido, o termo também designa palavras enormes, desmedidas.

<sup>36</sup> As traduções em português consultadas traduzem todas *pulchra* por “belos” (Jaime Bruna e Rosado Fernandes) ou “belo” (Candido Lusitano). No entanto, Brink (1971) e Rudd (1989) *ad locum* parecem ter razão em apontar o sentido de “bem feito”, “bem construído”, “bem elaborado” para o termo, dada a contração com *dulcia*, donde nossa opção por “corretos”. A glosa de Pseudo-Acrão também parece conduzir a tal entendimento: *‘Pulchra’ id est diserta, probata. Sunt quaedam poemata <quae habent> okovoúav et probata uerba, sed interdum carent uenustate* [“ ‘correto’, ou seja, expressivo, acertado. Há alguns poemas que apresentam disposição correta e palavras acertadas, mas por vezes carecem de encanto”].

<sup>37</sup> Cf. *OLD* s.v. *dulcis* #7c. A glosa de Pseudo-Acrão parece apresentar um entendimento análogo: *dulcia, id est ethica* [“cativantes, ou seja, éticos”]. De acordo com tal interpretação, os versos 99—100 contemplariam os aspectos ético e patético da poesia, bem como sua interação, o que é condizente com

ouvinte para onde quiserem. **(100)** Tal como o rosto humano ri para quem ri, assim também chora para quem chora<sup>38</sup>. Se quer que eu chore, terá você mesmo de chorar primeiro. Só então é que seus infortúnios me tocarão, ó Télefo ou Peleu. Se proferir uma fala que lhe foi mal atribuída<sup>39</sup>, acabarei por cochilar ou dar risada. Palavras tristes convêm a uma expressão aflita; **(105)** a uma expressão irada, palavras repletas de ameaças; a quem brinca, uma fala alegre; a alguém severo, uma fala séria. É que primeiro a Natureza nos molda internamente para todo tipo de circunstância: alegre-nos, impele-nos à ira ou lança-nos e preme ao chão com uma pesada tristeza. **(110)** Depois, expressa a emoção usando a língua como intérprete. Se as palavras de quem fala forem destoantes de cada condição, os cavaleiros romanos cairão na gargalhada, seguidos pela infantaria. Haverá grande diferença se quem fala é um deus ou um herói, um velho maduro ou um jovem ardente, ainda na flor da idade, **(115)** uma matrona dominadora ou uma ama zelosa, um mercador errante ou o cultor de um pequeno e verdejante prado, um habitante da Cólquida ou da Assíria, alguém criado em Tebas ou em Argos.

## Referências

### 1. Bibliografia primária

---

101—103. A interpretação de Rudd (1989) *ad locum*, “tocante”, embora possível, restringe os versos ao aspecto patético.

<sup>38</sup> Ideia análoga em Cícero, *de Orat.* 2.189-190, na exposição que Antônio ali faz do *mouere*: “Decididamente, jamais pretendi, diante dos juízes, suscitar dor, misericórdia, aversão ou ódio pelo discurso sem que eu mesmo estivesse movido, ao influenciá-los, pelas mesmas emoções a que pretendia induzi-los. De fato, não é fácil conseguir que o juiz se ire contra aquele que se deseja, se você mesmo parece aceitá-lo com indiferença; nem que ele odeie aquele que se deseja, se antes não o vir ardendo de ódio; nem será induzido à misericórdia se você não tiver dado sinais de sua dor por suas palavras, expressões, voz, rosto, suas lágrimas, enfim, pois tal como nenhuma madeira é tão fácil de acender que se inflame sem o uso de fogo, nenhuma mente é tão disposta a assimilar o poder do orador que possa ser incendiada sem que o próprio orador se aproxime dela em chamas e ardendo.”

<sup>39</sup> Em *si male mandata loqueris*, o latim permite duas leituras: *male mandata* [“fala mal atribuída”] ou *male loqueris* [“proferir mal”]. Rosado Fernandes (“se, porém, recitares mal o teu papel”) e Jaime Bruna (“se declamares mal o teu papel”) optam, em suas traduções, pela segunda leitura; Candido Lusitano liga também o advérbio ao verbo, embora tenha um entendimento diferente do sentido deste: “se o teu caráter/ Finges indignamente”. Optamos, com Brink (1971) e Rudd (1989) *ad locum*, pela primeira leitura, que atribui o erro não ao ator, mas ao autor. Confrontem-se também os versos 176—177, em que o sentido de *mandare* é inequívoco: *ne forte seniles mandentur iuveni partes pueroque viriles, semper in adiunctis aevoque moraberis aptis* [“para que acaso não se atribua um papel de velho a um jovem ou de homem a um menino, você sempre dedicará um bom tempo à adequação das características e da idade”].



serpentes auibus gementur, tigribus agni.

Inceptis gravibus plerumque et magna professis  
purpureus, late qui splendeat, unus et alter 15  
assuitur pannus, cum lucus et ara Dianae  
et properantis aquae per amoenos ambitus agros,  
aut flumen Rhenum aut pluvius describitur arcus.  
sed nunc non erat his locus. et fortasse cupressum  
scis simulare: quid hoc, si fractis enatat exspes 20  
navibus aere dato qui pingitur? amphora coepit  
institui: currente rota cur urceus exit?  
denique sit quod vis, simplex dumtaxat et unum.

Maxima pars vatum, pater et iuvenes patre digni,  
decipimur specie recti. brevis esse laboro, 25  
obscurus fio; sectantem levia nervi  
deficiunt animique; professus grandia turget;  
serpit humi tutus nimium timidusque procellae.  
qui variare cupit rem prodigialiter unam,  
delphinum silvis appingit, fluctibus aprum: 30  
in vitium ducit culpae fuga, si caret arte.  
Aemilium circa ludum faber unus et unguis  
exprimet et mollis imitabitur aere capillos,  
infelix operis summa, quia ponere totum  
nesciet. hunc ego me, si quid componere curem, 35  
non magis esse velim quam naso vivere pravo,  
spectandum nigris oculis nigroque capillo.

Sumite materiam vestris, qui scribitis, aequam  
viribus et versate diu quid ferre recusent,  
quid valeant umeri; cui lecta potenter erit res, 40  
nec facundia deseret hunc nec lucidus ordo.

Ordinis haec virtus erit et Venus, aut ego fallor,  
ut iam nunc dicat iam nunc debentia dici,  
pleraque differat et praesens in tempus omittat,  
hoc amet, hoc spernat promissi carminis auctor. 45

In verbis etiam tenuis cautusque serendis  
dixeris egregie, notum si callida uerbum  
reddiderit iunctura novum. si forte necesse est  
indiciis monstrare recentibus abdita rerum,  
fingere cinctutis non exaudita Cethegis 50  
continget dabiturque licentia sumpta pudenter;  
et nova fictaque nuper habebunt verba fidem si  
Graeco fonte cadent, parce detorta. quid autem  
Caecilio Plautoque dabit Romanus, ademptum  
Vergilio Varioque? ego cur, acquirere pauca 55

si possum, invideor, cum lingua Catonis et Enni  
 sermonem patrium ditaverit et nova rerum  
 nomina protulerit? licuit semperque licebit  
 signatum praesente nota producere nummum.  
 ut silvae foliis pronos mutantur in annos, 60  
 prima cadunt \* \* \* \* \*  
 \* \* \* \* \* ita verborum vetus interit aetas,  
 et iuvenum ritu florent modo nata vigentque.  
 debemur morti nos nostraque; sive receptus  
 terra Neptunus classis Aquilonibus arcet,  
 regis opus, sterilisve palus prius aptaque remis 65  
 vicinas urbis alit et grave sentit aratrum,  
 seu cursum mutavit iniquum frugibus amnis  
 doctus iter melius: mortalia facta peribunt,  
 nedum sermonem stet honos et gratia vivax.  
 multa renascentur quae iam cecidere, cadentque 70  
 quae nunc sunt in honore vocabula, si volet usus,  
 quem penes arbitrium est et ius et norma loquendi.

Res gestae regumque ducumque et tristia bella  
 quo scribi possent numero, monstravit Homerus.  
 versibus impariter iunctis querimonia primum, 75  
 post etiam inclusa est voti sententia compos;  
 quis tamen exiguos elegos emisit auctor,  
 grammatici certant et adhuc sub iudice lis est.  
 Archilochum proprio rabies armavit iambo;  
 hunc socci cepere pedem grandesque cothurni, 80  
 alternis aptum sermonibus et popularis  
 vincentem strepitus et natum rebus agendis.  
 Musa dedit fidibus divos puerosque deorum  
 et pugilem victorem et equum certamine primum  
 et iuvenum curas et libera vina referre. 85  
 descriptas servare vices operumque colores  
 cur ego si nequeo ignoroque poeta salutor?  
 cur nescire pudens prave quam discere malo?  
 versibus exponi tragicis res comica non vult;  
 indignatur item privatis ac prope socco 90  
 dignis carminibus narrari cena Thyestae.  
 singula quaeque locum teneant sortita decentem.  
 interdum tamen et vocem comoedia tollit  
 iratusque Chremes tumido delitigat ore  
 et tragicus plerumque dolet sermone pedestri 95  
 Telephus et Peleus, cum pauper et exul uterque  
 proicit ampullas et sesquipedalia verba,  
 si curat cor spectantis tetigisse querella.

Non satis est pulchra esse poemata; dulcia sunt,  
 et quocumque volent animum auditoris agunto. 100

ut ridentibus arrident, ita flentibus afflent  
 humani vultus: si vis me flere, dolendum est  
 primum ipsi tibi. tum tua me infortunia laedent,  
 Telephe vel Peleu; male si mandata loqueris,  
 aut dormitabo aut ridebo. tristia maestum 105  
 vultum verba decent, iratum plena minarum,  
 ludentem lasciva, severum seria dictu.  
 format enim natura prius nos intus ad omnem  
 fortunarum habitum; iuvat aut impellit ad iram  
 aut ad humum maerore gravi deducit et angit; 110  
 post effert animi motus interprete lingua.  
 si dicentis erunt fortunis absona dicta,  
 Romani tollent equites peditesque cachinnum.  
 intererit multum divusne loquatur an heros,  
 matususne senex an adhuc florente iuventa 115  
 fervidus, et matrona potens an sedula nutrix,  
 mercatorne vagus cultorne virentis agelli,  
 Colchus an Assyrius, Thebis nutritus an Argis.